

Uma abordagem recente das possibilidades de estudos sobre a vida em sociedade

Sidinalva Maria dos Santos Wawzyniak (Doutora)

Diretora da FCHLA – Universidade Tuiuti do Paraná

Maria Ignês Mancini de Boni (Doutora)

Curso de História – Universidade Tuiuti do Paraná

Etelvina Maria de Castro Trindade (Doutora)

Curso de História – Universidade Tuiuti do Paraná

Clóvis Mendes Gruner (Mestre)

Curso de História – Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

O presente texto tem por objetivo a explicitação de questões teórico-metodológicas da pesquisa atual para a abordagem de múltiplas vivências dos mais diversos agentes da vida social, propostas para o desenvolvimento do projeto de pesquisa OLHARES MARCADOS, leituras múltiplas sobre atores sociais na contemporaneidade. O foco recai sobre a biografia e sua correlata trajetória de vida; as subjetividades, as identidades e as representações, como também sobre a memória como elemento essencial da condição humana, recuperada através de diferentes procedimentos, aí incluídos o da história oral.

Palavras-chave: biografia; subjetividade; identidade.

Abstract

The present text has as its objective to make explicit theoretical-methodological matters of the current research to approach the multiple life experiences of the various social life agents, proposed for the development of the research project MARKED LOOKS, multiple readings about contemporary social actors. The focus falls on the biography and its correlated life trajectory; the subjectivity, the identities and the representations as well as the memory as an essential element in the human condition, recovered through different proceedings, included there the one from oral history.

Key words: biography; saubjectivity; identity.

Introdução

As reflexões mais atuais que tomam como objeto a análise das múltiplas vivências dos mais diversos agentes da vida social têm colocado questões acerca das diversas abordagens utilizadas pelos cientistas sociais na construção de seus objetos de estudo no que se refere à escala dessas abordagens, procurando explicar a lógica da significação das experiências em suas singularidades. A partir de pressupostos fornecidos em estudos pela Antropologia, pela Sociologia, pela História, pela Filosofia e pela Psicanálise, entre outras, é possível estabelecer alguns parâmetros que podem embasar as pesquisas e os estudos sobre o tema.

Na proposta aqui apresentada, não se trata de optar por uma abordagem que privilegie a identificação de sistemas gerais ou universais e outra que privilegie o individual, quando não o excepcional, mas de procurar entender que fenômenos globais podem ser lidos em termos diferentes se apreendidos por intermédio das estratégias individuais ou familiares, ou mesmo de grupos, dos homens que tiveram que desenvolvê-las. “Elas não se tornam por isso menos importantes. Mas são construídas de maneira diferente”. (Revel, 1998).

Assim, na procura de captar as especificidades das vivências, dá-se destaque aos subsídios oferecidos pelo movimento de regresso da biografia ao quadro

das preocupações de pesquisadores das mais variadas vertentes de pensamento. Depois, tornam-se úteis as concepções teóricas ligadas às áreas da identidade, das subjetividades e das representações; por último, privilegia-se o campo da memória em suas múltiplas implicações.

A biografia como suporte para os estudos de trajetórias de vida

A construção de métodos científicos que nortearam as pesquisas e a recuperação de memórias no campo das Ciências Humanas, a partir da segunda metade século XIX, deixaram para um segundo plano as reflexões sobre os destinos individuais, fazendo com que os estudiosos se debruçassem sobre visões totalizantes que ignoravam a participação dos indivíduos nos processos sociais. Sob esse ponto de vista, as histórias de vida desempenhavam um mero papel introdutório, ilustrativo ou anedótico nos trabalhos das diversas áreas de conhecimento que compunham aquele campo.

O século XX trouxe também novas mudanças pelas quais - depois de um longo período de preocupação com as questões sociais, antropológicas e históricas, informadas pelo viés das coletividades, da economia e da política - redescobriu-se a biografia, abrindo-se as Ciências Humanas para as vivências e subjetividades presentes nas sociedades.

Assim, após muito tempo de atenção aos destinos coletivos, o indivíduo está hoje novamente presente nas reflexões dos historiadores. Como um dos desdobramentos desta mudança, o gênero biográfico vem ganhando espaços nos estudos voltados a um movimento de restauração do papel dos indivíduos na construção dos laços sociais, trazendo à tona a temporalidade onde se desenrolam as vidas humanas, sem descartar a influência do contexto maior em que os sujeitos estão inseridos. (Bensa, 1998). Tal mudança coincide e se articula com as mutações mais amplas percebidas na sociedade contemporânea e em uma tendência, cada vez maior, a valorizar os espaços e experiências íntimas. Consideram-se, também, as transformações da própria disciplina histórica a qual, há algumas décadas, vem repensando sua constituição e incorporando outros e novos objetos, problemas e fontes – em grande medida, como uma resposta às mudanças e inquietações anteriormente indicadas.

Na verdade, foi somente a partir da década de 80 do século XX que essa nova concepção pôde ser considerada. E, se não se pode falar exatamente de um “*retorno*” da biografia – já que biografias sempre existiram, independente do interesse dos cientistas sociais por este tipo de pesquisa –, pode-se tranquilamente afirmar que para a história este interesse é recente, bem como é nova a preocupação em

constituir uma reflexão teórica e metodológica sobre como se fazer da biografia um objeto de estudo. Em linhas gerais, optou-se por uma escrita que incorporava algo das experiências já existentes, ao mesmo tempo em que se afastava de algumas armadilhas, notadamente a do essencialismo e da predestinação, tão comum às antigas concepções de biografia. Assim, diferentemente das narrativas mais tradicionais, que priorizavam demasiadamente o indivíduo notável e excepcional, fazendo uma história pessoal e linear dos grandes vultos, essa nova abordagem busca hoje *pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais elas se realizaram, como via de mão dupla*. (Schmidt, 1997). Nesse caso, ela pode desenvolver, além das interpretações sobre a época em que viveu certo personagem, outras perspectivas que mostrem suas experiências pessoais. Por esse motivo, *a história pessoal não tenta substituir outras formas de história (...), nem é um substituto para o estudo do comportamento coletivo, instituições e comunidades, mas sim, seu complemento [...]* (Zeldin, 1991).

Uma das contribuições teóricas fundamentais a esta redescoberta veio da sociologia, especialmente por meio da obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Suas considerações sobre a *ilusão biográfica* são fundamentais no sentido que questionam os excessos das abordagens individualistas, propondo dar reforço aos laços normativos e a importância do *habitus*. Também

pertinente, a noção de trajetória permite, entre outras coisas, pensar a vida como uma série de posições, experiências, deslocamentos e escolhas muitas vezes inconscientes, articulados a contextos e espaços sociais plurais, conflituosos e tensos, e não como um *“todo, um conjunto coerente e orientado”*. (Bourdieu, 1996).

Até certo ponto influenciados por estas considerações, os historiadores passaram a tomar a *biografia como problema*, título do artigo de Sabina Loriga, que se debruça no longo percurso percorrido pelas abordagens biográficas, desde os estudos clássicos e Idade Média até nossos dias, detendo-se em tonalidades como o *mito do herói*, o *homem patológico* ou o *homem-partícula*, para chegar a uma síntese de todas essas abordagens nos dias atuais. Sua crítica às abordagens tradicionais, muito próximas às de Bourdieu, concentra-se principalmente naquilo que ela chama de *concepção aritmética do indivíduo*, que confere ao sujeito da biografia senão duas alternativas: *desempenhar o papel de um ser consciente e coerente ou então o de um peão no tabuleiro de xadrez da necessidade*. (Loriga, 1998). Para a autora, uma e outra subtraem ao indivíduo sua própria historicidade, ao privá-lo de características fundamentais à compreensão de uma vida e à própria construção da narrativa histórica: as incertezas, a imprevisibilidade e a provisoriabilidade da vida. Contrariamente, aquela perspectiva busca um equilíbrio entre destino pessoal e sistema social na

tentativa, seguindo a sugestão de Giovani Levi, de agrupar um grande número de experiências para atingir os conflitos e as potencialidades de certa sociedade. (Levi, 1989).

Alguns desafios se impõem, então, ao pesquisador. Entre eles, limitar os excessos praticados pelas biografias tradicionais sem ignorar as especificidades das trajetórias pessoais. Outro é o da própria narrativa, que deve articular uma certa cronologia linear (todos nascem, crescem e morrem) com um percurso de vida que, como anteriormente observado, não é linear. Um caminho para enfrentar estas novas dificuldades é buscar, metodologicamente, o cruzamento de vários níveis de análise, em que serão contemplados o vocabulário, classificações, categorias individuais e sociais e as relações entre indivíduos, para dar visibilidade aos diversos sistemas de representação. (Cerutti, 1998). Em outras palavras, articular fontes e suportes de modo a inserir as trajetórias e memórias individuais em contextos mais amplos e menos movediços.

Vivências múltiplas: subjetividades, identidades e representações

A todas as aproximações conceituais que são feitas em torno das trajetórias de vida e suas implicações, é

possível acrescentar as considerações desenvolvidas acerca da idéia de “*subjetividades*”, sobretudo as desenvolvidas por Michel Foucault a quem interessava entender a maneira como os indivíduos se subjetivam, ou seja, como praticam a constituição de si mesmos como sujeitos morais. Buscando em textos prescritivos da Antiguidade, Foucault re-elabora e cria conceitos como ética, estética da existência, moral e tecnologias do eu. Em suas palavras, ética deixa de ser o estudo dos juízos morais referentes à conduta humana para ser o modo:

“como o indivíduo se constitui a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações.” Estética da existência é entendida como práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram transformar-se, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (Rabinow; Dreyfus, 1995).

Para trabalhar com estas práticas é desejável, segundo o autor, utilizar um conjunto de tecnologias, cada uma delas representando uma matriz prática, a saber, as tecnologias de produção, as tecnologias de sistemas de signos, as tecnologias de poder e as tecnologias do eu. Para o estudo da biografia, interessam mais de perto as tecnologias do poder, *que determinam a conduta dos indivíduos, submetem-nos a certos tipos de fins ou de dominação,*

e consistem numa objetivação do sujeito. Já as tecnologias do eu, igualmente importantes especialmente se o estudo da biografia se volta a e se desdobra no estudo de memórias e autobiografias, são as tecnologias que *permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria e imortalidade.* (Rabinow; Dreyfus, 1995).

Todas essas colocações não podem, porém, ignorar outra contribuição relevante: os estudos sobre identidades e representações de Hall, Cuche e Chartier. Nessa linha de pensamento, a questão das trajetórias de vida é, para esses autores, construída a partir da noção de que todos os indivíduos possuem elos que os ligam a uma comunidade e ao mesmo tempo fornecem elementos que propiciam a construção de uma representação do mundo que os envolve. Para Chartier, há modalidades de relações que envolvem a representação social: a classificação e os recortes que possibilitam a elaboração de configurações múltiplas, e as práticas que permitem *reconhecer 'uma identidade social', dando ao grupo uma singularidade e estabelecendo sua diferença e as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais 'representantes' (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a*

existência do grupo, da comunidade ou da classe. (Chartier, 2002). Já para Hall, essas representações identitárias são traduzidas nos valores culturais, nas organizações sociais, nos espaços de trabalho e nas manifestações de suas crenças. Nelas, o indivíduo vai atualizando seu cotidiano traduzindo suas ações nos planos *da história, da política, da representação e da diferença.* Vê-se, então, que o percurso trilhado pelos sujeitos é fundamentado em sua inserção em algum espaço e tempo. (Hall, 2000).

Os indivíduos desempenham, pois, uma posição de *agentes* e, como tal selecionam, classificam e escolhem os elementos para compor a sua identificação e, conseqüentemente, a sua identidade. Esse é um comportamento estratégico, considerando que *a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo*, e como atores sociais, não estão desprovidos *de uma certa margem de manobra*; recorrem a sua *identidade de maneira estratégica*, de acordo com o contexto. Desta forma, as estratégias são elaboradas levando em consideração o contexto social e a “relação de força” que está sendo engendrada no transcórre do processo. A identidade *seria uma ferramenta* que os indivíduos acionam para medir e ganhar espaço social. (Cuche, 1999).

Diante do exposto, parece importante afirmar que, à medida que os sistemas de valores são traduzidos e a *representação cultural se multiplicam*, os indivíduos, ao longo de seu percurso existencial, se defrontam com uma

multiplicidade de *identidades possíveis*. E é nesse contexto que eles negociam e criam estratégias identitárias.

Memória, elemento essencial da condição humana

Há longo tempo, a memória tem sido objeto de discussão de pensadores ligados a diferentes áreas do conhecimento. Se para os filósofos da Antiguidade, a reminiscência tinha uma função cognitiva, de conhecimento do passado, para concepções mais recentes, o ato de lembrar passou a incorporar uma distinção entre uma memória aprendida e uma memória que se imagina, ou seja, as lembranças. Assim, o ato de recordar estaria ligado à percepção que se tem do presente, cuja principal característica é a transformação, levando o indivíduo a buscar constantemente *fora dele* novos caminhos para acessar a memória. A psicanálise procurou ultrapassar esse impasse, mostrando que a verdadeira memória só existiria no sistema inconsciente, sendo este o responsável pelo armazenamento e pela re-elaboração das experiências coletivas.

Outro passo importante nas reflexões sobre a memória deu-se a partir do início do século XX, sobretudo com a contribuição da sociologia, segundo a qual, existe uma clara distinção entre memória

individual (interna, pessoal, autobiográfica) e memória coletiva (externa, social e histórica). Assim, o modo de lembrar constitui-se, ao mesmo tempo, num fenômeno individual e social, na medida que é a partir da ação coletiva do grupo que as lembranças são retidas e transmitidas, ao mesmo tempo em que é reforçada a memória individual. Ao trabalhar essas lembranças coletivas, aquele que rememora lapida-as de acordo com sua percepção e consciência particular que também estão impregnadas pelos valores forjados pelo grupo no qual ele está inserido. Desse modo, a lembrança pode ser definida como reconstrução do passado, realizada com a ajuda de informações do presente, e por isso estaria sujeita a flutuações e mudanças constantes.

Embora os relatos da memória não tenham um estatuto científico, já que são permeados pelas seleções feitas no tempo atual que tornam o pretérito condensado, implícito, virtual e representativo, eles trazem possibilidades variadas ao trabalho científico, por estabelecerem laços entre presente e passado. (Mannheim, 1982). Ao se voltar para o campo das representações, do imaginário, da experiência e identidade, as pesquisas sobre memória passaram a ser, então, uma fonte importante, não mais para dar sentido ao passado, mas para entender o presente. Constituiu-se, assim, num novo campo de reflexão

que tem possibilitado a análise de processos de seleção e registro da experiência vivida, bem como a discussão de questões relacionadas à memória e ao esquecimento.

Dentro das novas perspectivas adotadas, os estudiosos que trabalham com a memória têm-se valido de múltiplas fontes, não apenas para comprovar ou desmentir idéias ou acontecimentos estabelecidos, mas, sobretudo, para perceber como o discurso da pessoa se constitui no presente, ao narrar o passado. Mais importante do que verificar se a pessoa está narrando o que realmente aconteceu, é perceber qual é a leitura que ela faz do seu passado, como ela analisa sua experiência, o que seleciona, como ordena as ênfases, as pausas e os esquecimentos. Nesse contexto, a organização da narrativa contém elementos que expressam informações que vão além da palavra falada ou escrita, e que se constituirão também em elementos de análise por parte do pesquisador.

Concretamente, a recuperação de memórias encontra na história oral um suporte de grande valia, pois esta área de pesquisa tem sido postulada como técnica que possibilita a geração de documentos através de gravações de depoimentos e da conservação destes. Por isso, pode ser vista como uma área de investigação que envolve argumentos e conceitos que a fundamentam com um corpus teórico distinto

relacionado às suas práticas; ou também como uma metodologia que estabelece e ordena procedimentos de trabalho. Em pesquisas interdisciplinares, tem-se adotado a corrente que considera a história oral como uma metodologia que se utiliza

de diversos tipos de procedimentos, como, por exemplo, a entrevista e as implicações de cada um deles (...); as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o [pesquisador] relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática (Ferreira; Amado, 1998).

Cabe ressaltar ainda que a história oral é um recurso extremamente rico para abordar períodos recentes e também pode ser considerada, não apenas um mero acessório metodológico, mas um instrumento eficaz de investigação que obriga o pesquisador a ter em conta perspectivas nem sempre presentes em outros procedimentos de coleta de dados, como, por exemplo, as relações entre escrita e oralidade, memória e tradição oral. Enfim, é um instrumento que corrobora tanto com as histórias individuais como com os fatos coletivos, pois permite ao investigador a reconstrução das vivências conforme suas referências e seu imaginário, suas diferentes versões, tendo em consideração que os narradores são múltiplos e diferentes. Daí, como

acontece com qualquer fonte, a necessidade de se ter cuidado com as fantasias e enganos, pois cabe ao pesquisador não apenas interpretar as mensagens que lhe são comunicadas, mas *saber que o não dito, a hesitação o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato.* (Voldman, 1998).

Nessas circunstâncias, é natural que a fidedignidade das fontes seja, por vezes, posta em dúvida, restando a possibilidade de se desenvolver uma reflexão sobre o que se apresenta para os depoentes como “*verdadeiro*” - e o que poderia ser considerado “*falso*”. E também do que lhes parece mais significativo, para indagar até que ponto os depoimentos recolhidos correspondem ao realmente acontecido. Por essa razão, mesmo que os relatos de memória não correspondam linearmente ao ocorrido, demonstram o que ficou na lembrança, o que leva a considerar a memória como

elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo, em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992).

O papel do investigador é, aqui, o de compreender a formação das “*verdades*” dentro das recordações, para, num segundo momento, refletir sobre o passado. Ou seja, nesse processo de reflexão, longe de assumir uma postura passiva ou romântica em relação à memória, deve interpretá-la a partir de um conjunto mais amplo de fontes. A memória deve então ser trabalhada a partir da articulação epistemológica entre a verdade e a fidelidade, e essa articulação é que possibilitaria aos estudiosos o desvendamento dos sentidos, associando rigor (objetividade) e subjetividade.

Referências

- BENSA, A. “Da microhistória a uma antropologia crítica”. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In.: *Razões práticas – Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.
- CERUTTI, S. “Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII”. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 173-201.
- CHARTIER, R. “O mundo como representação”. In: _____. *À beira da falésia*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. (Ditos & escritos – vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEVI, G. “Les usages de la biographie”. *Annales. Économie, Sociétés, Civilisations*. Paris, 1989, vol. 44, nr. 6.
- LORIGA, S. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (Org). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.
- MANNHEIM, K. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, M.M. (org) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.
- POLLAK, M. “Memória e identidade social”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 1992, vol. 5, n. 10.
- RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- REVEL, J. (Org) *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SCHMIDT, B. “Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1997, vol. 1, nr. 19, p. 15.
- VOLDMAN, D. Definições e usos. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas 1998.
- ZELDIN, T. “História pessoal e história das emoções”. *História: Questões & Debates*. Curitiba, 1991, ano 12, nr. 22/23, jun./dez.